

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111	
CAPÍTULO 2	13
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
DOI 10.22533/at.ed.9011921112	
CAPÍTULO 3	28
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.9011921113	
CAPÍTULO 4	40
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9011921115	
CAPÍTULO 5	52
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9011921116	
CAPÍTULO 6	64
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.9011921117	
CAPÍTULO 7	74
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9011921118	

CAPÍTULO 8 87

OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Alexandra Soares dos Santos
José Euclimar Xavier de Menezes
Marcos Moura Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.9011921119

CAPÍTULO 9 96

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos
Mary Alves Mendes

DOI 10.22533/at.ed.9011921110

CAPÍTULO 10 108

REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Renato Santos de Oliveira
Ingrid de Souza Silva
Tatiane Pina Santos Linhares
Tatiana Tarrão dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9011921111

CAPÍTULO 11 119

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos
Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Sueli Jesus Santana
Mônica Coutinho Cerqueira Lima

DOI 10.22533/at.ed.9011921112

CAPÍTULO 12 127

SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014

Débora Juliene Pereira Lima
Ana Márcia Rodrigues da Silva
Edna Raimunda Teodoro

DOI 10.22533/at.ed.9011921113

CAPÍTULO 13 138

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

DOI 10.22533/at.ed.9011921114

CAPÍTULO 14	148
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.90119211115	
CAPÍTULO 15	158
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.90119211116	
CAPÍTULO 16	169
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.90119211117	
CAPÍTULO 17	178
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
DOI 10.22533/at.ed.90119211118	
CAPÍTULO 18	184
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111819	
CAPÍTULO 19	196
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111820	
SOBRE A ORGANIZADORA	207
ÍNDICE REMISSIVO	208

VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INACYRA FALCÃO E ELZA SOARES

Régia Mabel da Silva Freitas

Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em
Difusão do Conhecimento
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Salvador – Bahia

RESUMO: Este texto investiga as performances de Carolina de Jesus, Inacyra Falcão e Elza Soares na literatura, academia e música como estratégias negras de resistência. A metodologia utilizada foi revisão de literatura negrorreferenciada. Percebeu-se que, cotidianamente, essas incríveis mulheres negras reivindicam pela cidadania plena dos negros em busca da *garantia dos seus direitos civis, políticos e sociais*.

PALAVRAS-CHAVE: performances, Carolina de Jesus, Inacyra Falcão, Elza Soares, estratégias negras de resistência

ABSTRACT: This text inquires the Carolina de Jesus's, Inacyra Falcão's e Elza Soares's performances in literature, in academy and in music as blackness resistance strategies. The methodology was black reference bibliographic review. It was perceived everyday that this wonderfull blacks women claim for citizenship of blacks in pursuit of warranty of their civil, political and social rights.

KEYWORDS: performances, Carolina de

Jesus, Inacyra Falcão, Elza Soares, afro-Brazilian resistance strategies

um
corpo que
como
estandarte
possa invadir o
imaginário do
outro, de modo
que possa tocá-lo
em sua
humanidade e
desarmá-lo em
suas expectativas

(Evani Tavares)

Achei magnífica a proposta curricular de interpretar o Brasil sob o olhar da/ pela Capoeira Angola, aprendendo pelas dimensões mental e física. Essa perspectiva de aprendizagem de metodologia polilógica coaduna com a linha de pesquisa da qual faço parte – Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (In)formação. Com esse ineditismo dialógico, fui convidada a entrar numa roda multirreferencial e gingar. O meu maior desafio foi me permitir aprender pela dimensão física. Fugindo dos olhares dos colegas, timidamente, executei alguns leves

movimentos angoleiros em sala.

A Academia já foi um lugar privilegiado de exercitar músculos e mente sem hierarquia entre ginástica e retórica. Como herdeira da visão tradicional, anacrônica e obsoleta que dissocia a intelectualidade da corporalidade, não me senti à vontade numa aula em que o convite é sair logo nos primeiros momentos da dimensão mental. Travei uma luta comigo mesma para executar os movimentos e não parecer resistente por mera rebeldia. Sabia, entretanto, que estava presa ao paradigma acadêmico supracitado. Concomitantemente, admirava os colegas que participavam com afinco.

Os partícipes inspiravam, expiravam, alongavam, caminhavam, aceleravam, desaceleravam, equilibravam, desequilibravam, atacavam, defendiam; eu observava e aprendia. *Jogo?* Sim! *Brincadeira?* Sim! *Dança?* Sim! Mais que isso: *Vadiagem!* Eles só se divertiam: pensavam rápido, golpeavam; pensavam rápido, esquivavam; pensavam rápido, negociavam; sorriam e curtiam. Foi significativo e relevante ver ação e criatividade desses sujeitos históricos – pesquisadores doutorandos – nesse contexto. Indubitavelmente, refletir sobre a Capoeira Angola está para além dos livros...

Oliveira (2006, p. 81) nos ensinou que

não existe a dualidade entre indivíduo e cultura, já que esta é fruto das ações dos sujeitos. Estas, por sua vez, ganham sentido no jogo de significados produzidos pela cultura, fazendo com que consideremos a relação interativa entre sujeito e indivíduo, entre história e estrutura. Opor Ser (estrutura) e Ação (eventos) seria um engano, pois eles são intercambiáveis. Os indivíduos criam suas regras em movimento e fazem do fato social uma ficção frente a seus interesses.

Aprendi muito com vadiagens, vídeos e relatos de angoleiros. Criei até o meu conceito de Capoeira Angola: é um misto de informações corporais e vocais em que impera a diversidade de classe social, etnia, gênero, geração, histórias, experiências e vivências, reverenciando a ancestralidade africana numa roda. Foi interessante também perceber como os cânticos, os instrumentos musicais, as gingas, os ataques, as defesas, os olhares, as pernas, os pés, as cabeças, os equilíbrios, os desequilíbrios, as mandigas são elementos que se entrelaçam em todos os momentos.

Com o intuito de integrar e aplicar conteúdos teóricos e práticos, decidi criar uma roda para gingar com as vadiagens da ciência-experiência (falas desde dentro de estandartes de suas próprias histórias). Para tal, fiz uma chamada de frente para três mulheres negras – Carolina de Jesus, Elza Soares e Inaicyrá Falcão – que exibe(ia)m corpos expressivos, um conjunto de informações corporais, vocais e simbólicas adquiridas, arquivadas e utilizadas quando o indivíduo cria (LIMA, 2008).

A escolha deu-se pela majestosa produção e difusão do conhecimento em distintos âmbitos, a saber: literatura, música e academia. Ademais, elas luta(ra)m diuturnamente pela cidadania plena dos negros, carrega(ra)m com dignidade os estigmas escravistas e honra(ra)m a sabedoria dos nossos ancestrais. Destarte,

será muito rica essa roda conceitual na qual sou eterna aprendiz dessas candaces – mulheres guerreiras.

Desde os seus discursos, percebi que essas legítimas representantes da ciência-experiência deram rasteiras na fábula das três raças, no mito da democracia racial, na lógica assimilacionista e na hegemonia científica. Observá-las passarem a perna rente ao chão em um movimento (semi)circular puxando a perna do adversário – visão eurocêntrica – e desequilibrando-o foi fascinante! Sabia, portanto, que aprenderia muito mais ao convidá-las para essa roda e assim o foi. Saímos para o jogo e, junto ao berimbau, entoamos:

Quem vem lá sou eu,

Quem vem lá sou eu,

Berimbau bateu, sou eu angoleira, sou eu

Quem vem lá sou eu,

Quem vem lá sou eu,

Carolina de Jesus, uma mineira de Sacramento que morou com seus três filhos Vera Eunice (2), João José (6) e José Carlos (9) à rua A, barraco nº 9, na favela do Canindé, em São Paulo, foi catadora de papel, leitora e escritora que cursou até o 2º ano primário. Essa apaixonada pelos livros que confessa não saber dormir sem ler e os considera “a melhor invenção do homem” (JESUS, 2005, p. 24), foi descoberta por Audálio Dantas quando foi ao Canindé fazer uma reportagem. Ele teve acesso aos vinte cadernos da autora e publicou o livro Quarto de despejo – diário de uma favelada.

Esse diário, traduzido para 13 idiomas, convidou-nos a conhecer uma literatura-verdade, pois a autora relatou o cotidiano triste e cruel da sua vida na favela. Ela descreveu as lambanças que praticam os favelados – pessoas que possuem corações roxos, chamados por ela de projetos de gente humana ou objetos fora de uso num quarto de despejo –, delatou a luta pela sobrevivência e as relações interpessoais, evidenciando que a única coisa que não existe na favela é solidariedade. Segundo Carolina, eles nem repousam por não terem o privilégio de gozar descanso.

Ela também teceu severas críticas à política nacional, à ineficiência dos serviços públicos brasileiros e questionou a incongruência de morarmos num país fértil em que as pessoas passam fome. A fome, aliás, foi o problema social mais recorrente dessa sua produção literária, ganhando até uma cor: a amarela. A autora afirmou que é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la – fato que ela fez com maestria – e sugeriu que o Brasil fosse dirigido por alguém que já passou fome, para saber administrar de maneira mais eficiente já que a fome também é professora.

Nessa obra, essa mulher negra e favelada disparou sagazes e brilhantes metáforas, a saber: considerou a fome a escravidão atual, comparou a eleição a um

Cavalo de Troia que aparece de 04 em 04 anos e dividiu a cidade de São Paulo em cômodos de um lar, considerando o Palácio uma sala de visitas, a Prefeitura uma sala de jantar, a cidade um jardim e a favela um quintal onde jogam lixo. Apesar da pouca escolaridade, a criticidade lúcida da sua prosa evidenciou a sua sabedoria que encanta leitores nacionais e internacionais pela tamanha sensatez.

Carolina entrou nessa roda alternando entre a ponteira e a saída lateral cheia de malícia. Ela deu uma ponteira no preconceito racial, ao evidenciar a ineficiência política na resolução dos problemas sociais – argumentando que o mundo é como o branco quer: repleto de desorganizações –, ao abordar a questão da exploração sexual através do exemplo do açougueiro que dá a carne em troca do corpo da mulher negra – situação da qual seria mais uma das tantas vítimas – e ao valorizar a nossa estética:

Eu adoro minha pele negra e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado (JESUS, 2005, p.65).

Ciente da sua condição de favelada que lutou diariamente contra os reveses dessa sua difícil realidade, ela criou como alternativa a sua própria saída lateral – a escrita:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar esse ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2005, p.60).

Com esses movimentos alternados diariamente de ataque (ponteira) e defesa (saída lateral), Carolina de Jesus reforçou a tese de que “contendo o movimento, controlando sua intensidade e alcance, o capoeirista adquire a capacidade de estar pronto para agir conforme a situação que se apresente; metamorfoseando um golpe em outro, recuando ou atacando prontamente” (LIMA, 2008, p. 56). Destarte, ela estabeleceu possíveis estratégias de resistência política e social.

Inaicyra Falcão, uma pesquisadora da arte afrobrasileira, doutora, docente universitária, entrou na roda cheia de mandinga, dando martelo e ponteira quase que simultaneamente. Nascida em berço didiano – filha do imortal sacerdote-artista Mestre Didi –, essa também cantora lírica considerou em sua pesquisa sobre dança-arte-educação a tradição como viva, dinâmica, tendo a ver com continuidade, renovação, fortalecimento e reelaboração pela natural necessidade de ampliação e expansão dos valores originais. Ela afirmou que os elementos da tradição podem ser

distinguidos nos espaços compreendidos, assim como com a adoção de filosofias concernentes. Esses elementos são, em si, propiciadores do crescimento e da própria transformação. Entretanto, essa possibilidade de transformar dá-se desde que não se queira impor uma doutrina, uma conversão, mas promover uma reflexão entre os participantes (SANTOS, 2002, p. 115).

Nas palavras de Oliveira (2006, p. 120),

a tradição africana atualizada pelos afrodescendentes é autêntica na medida em que é fiel à sua forma cultural, original na medida em que advém da experiência coletiva dos africanos (ética). A tradição cria identidades pois ela é o manancial dos valores civilizatórios e dos princípios éticos (filosóficos) que singularizam a história dos afrodescendentes. A legitimidade da tradição africana dá-se, exatamente, por ela não ser fossilizada no passado, mas uma experiência atualizada no calor das lutas dos afrodescendentes.

Assim, com seu martelo, ela atacou a visão colonizadora que almeja desculturar e despersonalizar nosso legado. Essa pesquisadora sugeriu que respeitássemos a nossa diversidade plural, conhecendo a nós e ao outro sem dicotomias, desmitificando as ideologias e transcendendo os estereótipos já arraigados na nossa sociedade excludente e hegemônica. Para ela, “é preciso adquirir ‘um novo olhar’. Não só da sociedade como um todo, para com a tradição, mas, sobretudo, ‘um novo olhar’ nosso, brasileiros com herança africana, com relação a essa mesma tradição” (SANTOS, 2002, p. 114).

Essa nova visão descolonizadora proposta pauta-se na valorização de nossos talentos criativos e visionários que podem recriar estéticas pluriculturais através de uma construção em rede com interação dialética e alteridade. Para ela,

o alicerce é a relação humana, o respeito ao outro, o respeito às diferenças e a si próprio, transformando indivíduos durante o processo de seu autoconhecimento; indivíduos que, apesar de estarem sufocados numa sociedade onde se sentem negados, possam adquirir uma ação autônoma de comunicação. (...) Este corpo é assim, tem esse gingado, tem esse movimento, tem essa qualidade. (...) O ser humano brasileiro precisa trabalhar sua autoestima, sua plenitude, além de modelos exteriores. Se ficarmos apenas no que existe, não haverá inovação; copiar modelos é negar a criação. (SANTOS, 2002, p. 30-32).

Oliveira (2006, p.118-119) corrobora ao afirmar que

a integração supõe uma abertura, uma flexibilidade, uma vez que seu modo operacional é dinâmico e não estático. (...) É a diversidade que permite uma estética da diferença, um sistema integrado. (...) Em um sistema integrado não é a homogeneidade que dá a tônica da organização social, mas a heterogeneidade. (...) A diversidade é mãe da flexibilidade. É neste sentido que podemos dizer que a diversidade possui uma grande capacidade de adaptação e de ressignificação.

Já a ponteira da Inacyra atacou a tese de que corpo e mente são pólos dicotômicos que não coadunam. Para ela, o corpo é símbolo de poder e instrumento de expressão que traz consigo sua história individual, seus estigmas e sua identidade social. Ela evidenciou ainda o imprescindível diálogo entre os conhecimentos empírico e científico para se empreender uma educação transformadora que respeite a diversidade cultural e supere os entraves etnocêntricos. Assim, reificou que “corporemente é um organismo factual que comunica” (LIMA, 2008, p. 109).

Essa acadêmica propôs a “integração do conhecimento intelectual ao conhecimento corporal perceptivo de uma experiência significativa e consciente” (SANTOS, 2002, p. 30), englobando aspectos emocionais, intelectuais, físicos

e espirituais. Além disso, ela sugeriu a socialização dessas experiências para enriquecer a coletividade. Sobre essa valorização de características individuais, analogamente, Lima (2008, p. 110) assim apontou: “evoca-se uma imagem que, como estandarte, invade o imaginário de quem o assiste, mas de tal modo que possa o espectador ser tocado em sua humanidade e desarmado em suas expectativas.”

O nosso corrido, “forma de canto da capoeira angola que concentra grande parte das variantes de diálogo presentes em seu repertório musical.” (TAVARES, 2008, p. 31), samba-rap A Carne composto por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Ulisses Cappelletti da extinta banda Farofa Carioca, foi entoado afinadamente pela cantora e compositora carioca Elza Soares. Ei-lo:

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço

O cabra aqui não se sente revoltado

Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento

Mas muito bem intencionado

E esse país

Vai deixando todo mundo preto

E o cabelo esticado

Mas mesmo assim

Ainda guardo o direito

De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar

Em cocorinhas, essa cantora expôs alguns problemas sociais brasileiros (pobreza, violência, emprego, saúde, moradia) com os quais a população negra luta diariamente; infelizmente, já banalizados e vistos como corriqueiros pela sociedade em geral. Numa interpretação visceral, ela, que saiu da favela fluminense Moça Bonita e chegou a ser reconhecida pela BBC de Londres como a voz do milênio, convidou-nos a refletir não sobre uma país de discurso mas de práticas racistas que até hoje coisifica a nossa etnia.

Esse cântico me fez lembrar que “desde os tempos em que se duvidada da existência de nossas almas até nossos dias, quando se duvida de sua competência e capacidade civilizatórias, o negro brasileiro [é] desumanizado, inferiorizado e discriminado (...), estigmatizado como resíduo folclórico de cultura no presente [entretanto] não significa que assim o seja” (OLIVEIRA, 2006, p. 173). Essa mulher, que veio do Planeta Fome e gingou com muita malemolência com os preconceitos raciais que encontrou durante toda a sua carreira artística, ratifica essa assertiva.

Nessa música, ela mostrou que, com essa ginga através de nossas estratégias negras de resistência, constituímos a brasilidade, somos/fomos agentes das nossas próprias histórias e reagimos contra os processos de alienação, higienização étnica e embranquecimento. Unindo as vertentes artística e ideológica, essa intérprete enalteceu a força e a importância dos nossos antepassados. Oliveira (2006, p.18-19) reificou ao afirmar que

seria um engano conhecer o Brasil sem conhecer a história dos afrodescendentes. Seria um engodo compreender o Brasil sem antes conhecer a África. Seria uma lástima procurar entender a realidade social brasileira sem compreender a realidade racial do país. (...) [Os afrodescendentes] souberam, num diálogo criativo com o sistema de dominação, responder não com ódio, mas ternura, não com guerra, mas com sistemas de inclusão, não com lamentos, mas com atitudes estético-sociais à situação desumana a que foram submetidos.

A busca pela cidadania plena – respeito pelos direitos civis, políticos e sociais da nossa etnia – é mais uma luta árdua e diária a que temos que nos dedicar. Assim como a intérprete mostra essa sua ginga nos palcos nos quais se apresenta, é mister que, aliado a discursos críticos e ações coesas contra as desigualdades sociorraciais, continuemos nas nossas vadiagens em quaisquer rodas a entoar sempre

Dá, dá, dá no nego,
No nego você não dá
Dá, dá, dá no nego,
Mas se der vai apanhar
Dá, dá, dá no nego

À guisa de conclusão, ressalto que imergir nesse inusitado campo teórico-prático dessa roda de Capoeira Angola – “misto de brasilidade e africanidade, bailado e luta, música e performance instrumental, teatralidade e realidade” (LIMA, 2008, p. 36) – foi uma experiência bastante prazerosa. A ponteira, a saída na lateral e a malícia da Carolina de Jesus me incentivaram, o martelo, a ponteira e a mandinga de Inaicyrá Falcão me aguçaram, a cocorinha, a ginga e a malemolência de Elza Soares me engrandeceram como pesquisadora e mulher negra.

Essa plêiade, produtora e difusora do conhecimento, através de suas perspectivas (de dentro pra fora, imbuídas de interrelações dinâmicas e participativas) contribuíram para que eu pudesse (re)olhar o cenário brasileiro de maneira mais crítica. As suas visões de mundo dialogam com as minhas pesquisas que enegrecem a Academia europeizada, a picardia dos seus discursos me apetece pela profundidade do experienciado, pelo jogo político e pela força de cada palavra que “gera e movimenta a energia, o que demonstra seu poder de transformação” (OLIVEIRA, 2006, p. 48).

Ainda que “a elite brasileira, branca, católica e patriarcal, tenha engendrado mecanismos de desqualificação e inferiorização do ser negro” (OLIVEIRA, 2006, p. 84), elas refuta(ra)m. Com as suas respectivas memórias presentificadas em seus próprios corpos (LIMA, 2008), elas robusteceram o meu discurso azeviche com as suas referências socioculturais; ampliando, assim, o meu capital cultural. Agora, entendi por que essa vadiagem da Capoeira Angola é ARTE DE NEGRO... Por mesclar ações significativas historicamente. *Ora, pois!*

Adeus, adeus,
Boa viagem
Eu vou m'embora
Eu vou com Deus
E Nossa Senhora
Eu vou com Deus
No romper da aurora

REFERÊNCIAS

FAROFA CARIOCA. **Moro no Brasil**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2005.

LIMA, Evani Tavares. **Capoeira Angola como treinamento para o ator**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil** – elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica, 2006.

SANTOS, Inaicyra. **Corpo e Ancestralidade**: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

I

Inaicyra Falcão 169, 170, 172, 176

L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125
População “T” 158
Projeto ponto de cidadania 119, 120
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

R

Redes sociais digitais 74
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205
Saúde integral 181, 196, 200
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207
Sindicalismo 148, 156

T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193